

AS CONSTRUÇÕES DE GENITIVO SUBJETIVO E OBJETIVO EM PORTUGUÊS: ASPECTOS SEMÂNTICO-COGNITIVOS

Jorge Luiz Ferreira LISBOA JÚNIOR¹
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

RESUMO: *Análise das construções de genitivo subjetivo e objetivo em português pela ótica da Gramática Cognitiva com o intuito de evidenciar o esquema cognitivo de causalidade (LANGACKER, 2008; TALMY, 1988). Também constitui o nosso interesse estabelecer uma proposta de análise semântica baseada no uso, privilegiando processos conceptuais e estruturas de conhecimento, contramão ao entitativismo que oferta caixas conceituais reificadas para significados subjetivos e dinâmicos.*

PALAVRAS-CHAVE: *Genitivo; Semântica; Gramática Cognitiva; Construal.*

INTRODUÇÃO

“(...) os fenômenos mentais só podem ser cabalmente compreendidos no contexto de um organismo em interação com o ambiente que o rodeia.” (DAMÁSIO, 1996, p.17)

O presente estudo focaliza as construções de genitivo subjetivo e objetivo em formulações nominais [SN de SN], visando a descrevê-las do ponto de vista semântico-cognitivo. Objetiva-se, ainda, a um paralelo conceptual de construções gramaticais identificadas à moldura [SN de SN] tais como a *A Invasão do MST* ou *o medo dos políticos corruptos*, de modo a compreender porque entidades gramaticais deverbiais e nomes relacionais podem assumir o papel de representarem o sujeito/agente ou o sujeito/objeto afetado de uma ação expressa por um SN.

Em contraste simples, exemplos como *A invasão dos Bárbaros, a mudança do governo, a derrubada de árvores* evidenciam um substantivo verbal predador com rede argumental; semanticamente indicam ora o sujeito agente (os Bárbaros), ora o sujeito afetado (as árvores). Entretanto, há a categoria dos nomes relacionais como *amor de Deus, milagre de Minerva, chefe da quadrilha*, formados por substantivos que se diferenciam por não sofrerem derivação morfológica, nem apresentarem caráter entitativo, isto é, de se pautarem estritamente ao referente, mas apresentarem sentido completo apenas com relação a um segundo elemento. Percebemos que também é possível identificar um sujeito agente (Minerva) e um sujeito paciente (quadrilha).

Desse modo, pode-se hipotetizar, com base em Langacker (2008), e conforme enunciado em Lemos de Souza (2010, p.68-69), que na formulação nominal argumental haveria como “vincular as possibilidades de perfilamento da cena agentiva à estrutura argumental do verbo-base.”

No que se refere aos nomes relacionais, levando-se em conta que ontologicamente dependam de um segundo elemento, é admissível que o segundo ou primeiro elementos estejam inseridos na cadeia agentiva ou causal.

Assim, em ambas as construções nominais a preposição opera como uma palavra gramatical que cria estratégias de acessibilidade à informação segundo a hipótese de que

¹ Mestrando em Língua Portuguesa pelo Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: jorgelisboajr@bol.com.br

As construções de genitivo subjetivo e objetivo em português: aspectos semântico-cognitivos

estabeleça uma predicação relacional (LANGACKER, 1987). As diferenças, portanto, estariam no perfilamento da cena conceptual (cadeia agentiva e interação energética entre agente e paciente), no tipo de percepção visual da cena (escaneamento estático sofrido pelos verbos nominalizados e pelos substantivos abstratos), sendo, então, uma diferença fundamentalmente de *construal*, a idéia de que uma mesma cena pode ser concebida de maneiras diferentes.

Dessa forma, um modelo semântico entitativista não daria conta das estruturas de conhecimento utilizadas pelo falante como condições fenomenológicas, cognitivas e pretensamente mais realistas (LANGACKER, 2008, cap.1) de interpretação, que implicam habilidades como as de processamento (concepção de eventos/cenas do mundo), simbolização (categorias perceptuais como figura-fundo, fluxo atencional) e projeção (espaços mentais) em língua natural.

Com efeito, a Linguística Cognitiva avança quanto à relação entre estruturas linguísticas, estruturas conceptuais e a sua dimensão simbólica. Soares da Silva (2001) com base em Goldberg (1995, 2006), Langacker (1987) e Croft (1998) propõe que esquemas frásicos ou de construção sejam pareados a esquemas de evento (esquemas cognitivos). Segundo o autor, entende-se por esquema de evento “um padrão conceptual que combina um tipo de processo, ação ou estado com os participantes mais salientes nele envolvidos desempenhando determinados papéis” (p.03).

Nesse sentido, Langacker situa de forma exemplificadora as categorias arquetípicas que envolvem fundamentalmente Agente e Paciente em uma interação energética, constituindo, por assim dizer, um evento canônico (LANGACKER, 1991:285). Logo, a ligação entre a conceptualização de eventos em esquemas frásicos pressupõe um modelo cognitivo que, em nosso caso, será o de natureza causal entre participantes (cf. LANGACKER, 1991; TALMY, 1988).

1. AS CONSTRUÇÕES [SN de SN]

Na literatura, o raciocínio sobre tais estruturas ou formulações nominais é a de que constituem uma derivação sintática de uma paráfrase verbal (BENVENISTE, 1965; CHOMSKY, 1986; FRANCHI, 1996).

Para autores como Benveniste (1965, p.159), tais usos recobrem as funções de genitivo subjetivo e objetivo sendo caracterizados pela condição de transposição de um contexto verbal a um contexto nominal, de onde se seleciona o sujeito/agente e sujeito/paciente da construção verbal. Defende-se ainda que tal relação de paráfrase “seja de natureza puramente sintática (...)” e derivacional, semelhantemente a proposta de Chomsky (1986). Observem-se os exemplos:

- (a) A invasão do MST > O MST invadiu - genitivo subjetivo
- (b) O amor da Pátria > A pátria é amada - genitivo objetivo

Kurylowicz's (1964), em raciocínio semelhante, avalia que apenas nominativo e acusativo codificam as relações gramaticais dentro da cláusula, diferentemente da construção genitiva, que codificaria relações gramaticais dentro da nominalização:

“action and agent nouns govern the subjective and objective genitive] as long as there exists a morphological bond between them and the corresponding personal verb. Once this bond is loosened, the internal relation between the determining and the determined noun is apt to change. The loss of purely syntactic motivation entails the increase of the role of the semantic context, i.e. of the meaning of the two nouns. Hence the different

Cadernos do NEMP, n. 6, v. 1, 2015, p. 37-50.

Jorge Luiz Ferreira Lisboa Júnior

sub-groups of the adnominal] genitive], which may be looked upon as semantically conditioned variants of the subjective and objective genitive” (1964, p. 187)

Ilari *et alii* (2015, p.238-240), por sua vez, a partir de dados do uso em português, analisam construções de genitivo subjetivo e objetivo tendo em vista o papel semântico do SN (se de objeto afetado ou de agente) e a classe verbal (transitivo, intransitivo e ergativo), alcançando maior sistematização. A título de exemplificação pelos autores, têm-se:

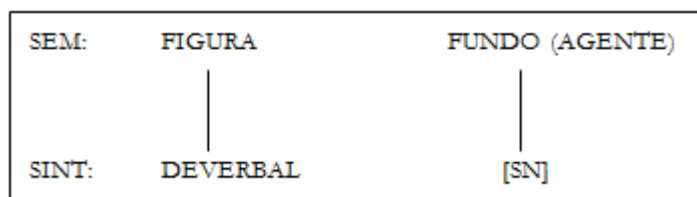
- (i) “contenção de despesas”, um agente afetado com um verbo transitivo;
- (ii) “mudança do governo”, um objeto afetado com um verbo ergativo;
- (iii) “o tratamento das enfermeiras”, um agente com verbo transitivo
- (iv) “sobrevivência da espécie” um agente com verbo intransitivo.

Diante disso, afirmam que a preposição ‘de’ atua na formulação nominal de construções verbais - semelhante a Benveniste - efetuando “recortes sobre a diátese de um verbo”. Todavia, há que se considerar, conforme os autores, que certas nominalizações não ocorrem por ação da preposição, a exemplo de “*Cortador de grama*”, em que haveria apenas o interesse do falante na nomeação do instrumento; logo, a preposição nesse contexto não aparenta ser um índice transpositor.

Partindo-se da discussão realizada em Goldberg (2006, p.23-26) sobre “*NP constructions*”, especificamente sobre nomes derivados de verbos, a autora propõe um argumento alternativo ao raciocínio por paráfrases verbais como derivações sintáticas bem comuns a linguística formal. Através de sua *hipótese de generalização da superfície* sugere-se o procedimento de se comparar construções gramaticais a partir de seus padrões gerais e possibilidades próximas de instanciação ao invés de investir em procedimentos de alternância (sentença ativa/ sentença passiva; alternância dativa, ergativa etc.).

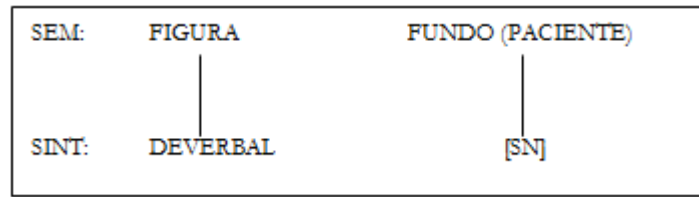
Assim, um nome deverbal e seus argumentos genitivos sofrem generalização cognitiva, de onde se forma um pareamento forma-significado do tipo [SN de SN], que deve ser comparado com as diversas possibilidades de sua instanciação e não com a sua contraparte clausal como sinonímia. Sabemos, inclusive, que sinônimos perfeitos não existem em língua natural e, dessa forma, uma estrutura nominal e uma estrutura verbal configuram opções cognitivas e funcionais ao falante, que estabelece para elas, certamente, distinta conceptualização e propósito comunicativo. Por esse método, de inspiração goldbergiana, segundo nossa elaboração, têm-se dois padrões gramaticais:

GENITIVO SUBJETIVO



As construções de genitivo subjetivo e objetivo em português: aspectos semântico-cognitivos

GENITIVO OBJETIVO



O pólo semântico é formado por duas categorias gestálticas: FIGURA e FUNDO, que ressaltam a perspectiva do falante ao denotar uma cena colocando o holofote no processo, o qual é reificado e, para tanto, é destituído de sua natureza plenamente verbal ao converter-se em nome (sobre isto, veremos de forma mais detalhada no decorrer do texto). O pólo sintático obviamente concentra um sintagma nominal nominalizado, isto é, de núcleo deverbal e um SN argumento. O que o esquema acima demonstra é o pareamento forma-significado da construção de genitivo subjetivo e objetivo em português, de modo a associar uma forma (especificação morfológica e organização sintática) ao significado (categorias que exibem a conceptualização, bem como papéis temáticos).

Diferentemente de Ilari e Benveniste, que prevêm apenas um núcleo nominal deverbal e seus argumentos pós-nominais para os usos de genitivo subjetivo e objetivo, Abreu (2003) propõe que o núcleo nominal não necessariamente seja constituído por um deverbal, mas também por nomes relacionais como *autor de* e *medo de*:

- (1) O autor de Romeu e Julieta é Shakespeare.
- (2) O medo da morte torna as pessoas menos egoístas.
- (3) A compra de ações provocou uma alta na bolsa.
- (4) A destruição da Mata Atlântica é um crime contra a humanidade.

O autor considera, assim, um quadro mais abrangente:

<i>SUBSTANTIVO</i>	<i>REDE ARGUMENTAL</i>
MEDO	[EXPERIENCIADOR, CAUSA]
AUTOR	[RESULTATIVO]
COMPRA	[[AGENTE, OBJETO AFETADO] DATIVO]
DESTRUIÇÃO	[AGENTE, OBJETO AFETADO]

Em contexto, percebe-se que os nomes relacionais coadunam-se aos deverbais na função semântica de estabelecerem ora o sujeito da ação, (1) de caráter resultativo, ora o sujeito agentivo (2).

Nossa questão, diante do exposto, é simples: se apenas a consideração de papéis temáticos não dão conta do fator significado ou elucidam como o mesmo é construído pela cognição, cabe-nos indagar que processos cognoscitivos ou que modelos cognitivos de uso linguístico dão base a tais formulações nominais. Uma segunda questão é o que compartilham

nomes deverbais e substantivos abstratos/concretos para representarem sujeito agente e sujeito paciente de uma ação expressa em SN.

2. GRAMÁTICA E COGNIÇÃO

A Linguística Cognitiva (LC) tem apresentado evidências empíricas sobre a relação entre processos conceptuais e estruturas linguísticas observando que, fundamentalmente, na superfície das línguas naturais possam ser codificadas habilidades cognitivas gerais provenientes da percepção, memória, visualidade e imaginação, tais como procedimentos gestálticos do tipo relação figura-fundo, raciocínios metafóricos, metonímicos e mesclas conceptuais, *construal* etc. (Langacker, 2008, Fauconnier, 2002).

Langacker (2008), segundo a tese simbólica, estabelece que a gramática seja conceptualmente motivada, apresentando como função semiológica (cognoscitiva) a possibilidade de representar os processos (inter) subjetivos engendrados pela cognição social humana. Assim, a gramática pode estruturar conceptualmente fenômenos como movimento fictício (“João foi com tudo para a prova”), a integração de eventos (“João chutou a bola para o gol”, onde X CAUSA Y a MOVER Z), a dinâmica de forças (“A bola continuou rolando”; “Ele se absteve de fechar a porta”), bem como a aplicação da dinâmica das forças ao raciocínio abstrato (“Maria largou/deixou o namorado”, ou seja, o relacionamento teve fim).²

Langacker (idem) pela Gramática Cognitiva estipula que as expressões linguísticas organizam as experiências mentais de modo a conceber subjetivamente as cenas enunciadas. Soares da Silva (1997) corrobora tal premissa ao dizer que a “a gramática de uma língua tem por função principal organizar uma determinada cena ou situação” e “Cada construção sintática particular reflete uma organização cognitiva específica por parte do conceptualizador da cena, [...] variações formais refletem variações conceptuais”.

Nessa perspectiva, a relação entre uma construção ativa e uma construção passiva pode sinalizar aspectos de conceptualização de cena. Por exemplo, quando se diz “O jogador cabeceou a bola para o gol” e “A bola foi cabeceada para o gol” o que está em jogo é a maneira de conceber e estruturar a cena, bem como a intencionalidade do que se quer codificar com proeminência focal na enunciação. Se à mesma cena for dirigida a expressão “A bola foi pro gol”, o nível de especificidade característica da cena também se encontra reduzida, bem como a informação do agente e o procedimento da ação que não foram caracterizados. Dessa forma, percebemos que a codificação linguística da cena deve-se a uma âncora cognitiva de base visual que também se encontra disponível no uso linguístico.

Como se vê, há habilidades visuais relevantes disponíveis na gramática, demonstradas pela atenção seletiva (relação figura/fundo) ou pelo perfilamento (proeminência relativa de uma subestrutura conceptual recortada de um domínio mais amplo de conhecimento) que atuam diretamente na composição gramatical.

A relação entre figura e fundo diz respeito à forma de codificação numa estrutura linguística do que é focalizado ou desfocalizado em uma cena. À entidade que será ativa e sofrerá o *zoom*, indicando a sua importância primária, damos o nome de *trajectory*; em contraparte, existe aquele elemento da cena que não está sob o ‘holofote’ da relação cenográfica, ou seja, que não está em *zoom*, sendo de importância secundária; a ele damos o nome de *marco ou landmark*, ou *ponto de referência* (LANGACKER, 2008; TALMY, 1975). Em um contexto que se procure por

² Para mais exemplos de processos cognitivos disponíveis na gramática e já estudados em Linguística Cognitiva, ver (FAUCONNIER, 2003).

As construções de genitivo subjetivo e objetivo em português: aspectos semântico-cognitivos

algum livro e alguém diz “O livro está em cima da mesa”, “mesa” passa a ser o ponto de referência ou o marco, o apoio secundário para dirigir o fluxo da atenção ao livro, o elemento em figura na cena. Assim, a locução prepositiva “em cima de” localiza o *frame* de referência.

Já o perfilamento de um domínio cognitivo significa um recorte de sua base conceptual mais ampla. A compreensão holística é uma habilidade natural da espécie humana; no entanto, dentro de uma base percebida, alguma subestrutura será recortada como perfil. Um exemplo simples é a percepção da face humana. Sabemos que existem olhos, boca, orelhas, nariz e, ainda assim, perfilamos com bastante fluidez algum aspecto da face na interação.

Em um *frame* comercial, de acordo com o perfilamento dado pelo falante, a escolha lexical deixará disponível a forma de concepção da cena, provocando inferências distintas: “Fulano *vendeu* o carro importado a preço de banana” / “Fulano *comprou* um carro de segunda mão a preço de ouro”.

Assim, para a interpretação flexível das formas linguísticas é necessário que um escopo cubra uma extensão significativa de informação da base. Como ilustram Croft e Cruse (2004, p. 25-26), a compreensão da letra T perfila Alfabeto que por sua vez está integrado ao subdomínio do sistema da escrita, que se liga ao subdomínio mais convencional da forma de dispor as letras com o intuito de formalizar o ato de escrever etc. Por esse ângulo, o verbo *vender*, ainda que não especifique o comprador ou a moeda (preço), tem toda essa informação genérica como estrutura coberta pelo escopo de predicação da base (o *frame*).

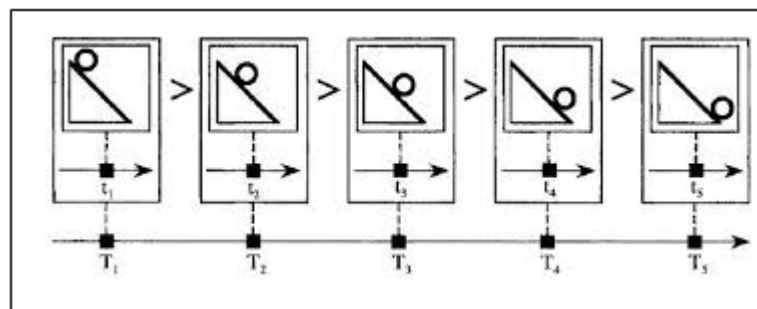
3. CONSTRUÇÕES GRAMATICAIS, MODELOS COGNITIVOS DE USO: O MODELO DA BOLA DE BILHAR E O MODELO DE PALCO

3.1. Processamento verbal e nominal

As construções gramaticais - do morfema à cláusula complexa-, em sua dimensão simbólica, acionam estruturas semânticas baseadas em uma *imagética convencional*, ou seja, na manipulação de imagens que evidenciam a conceptualização (*construal*) do falante de uma cena, conforme já sugerido.

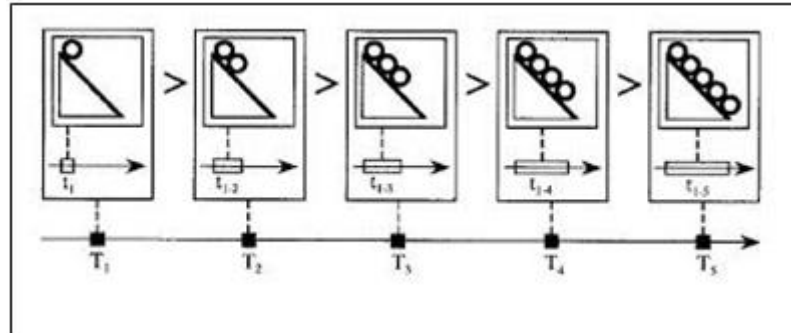
A concepção de verbos e nomes aciona, por exemplo, imagéticas que se distinguem pelo tipo de processamento exigido em torno de um evento. Langacker defende que verbos detonam escaneamentos dinâmicos e nomes escaneamentos sumários.

O verbo “destruir” teria a seguinte forma de processamento do evento:



Jorge Luiz Ferreira Lisboa Júnior

Já o deverbal “destruição” teria a seguinte forma de conceptualização/ escaneamento do evento:



A forma de concepção de um deverbal explicaria, em termos cognitivos, o que é mencionado por Basílio:

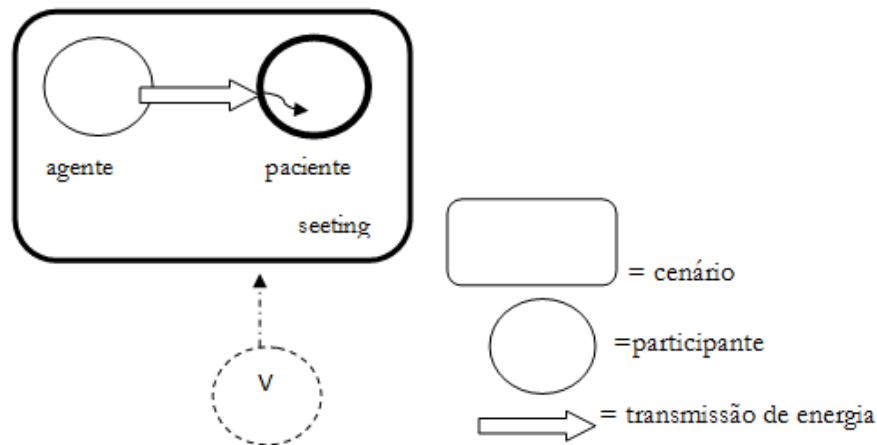
“(…) Detesto guerras, odeio destruição; fica claro que a forma nominalizada destruição é construída apenas para fins de referência ao complexo semântico destruir de uma maneira nominal, ou seja, como a uma entidade em si, independente de instâncias particulares do evento, e suas associações de tempo, sujeito e objeto verbal, etc. (BASILIO, 1987, p. 78-79)”

Em termos langackerianos, conceber um processo verbal como um nome significa simbolizar a experiência holisticamente, de modo reificado, comprimindo estágios e subeventos de uma cena processual em uma imagem contígua.

3.2. Papéis temáticos como arquétipos conceptuais: a cadeia agentiva, o nexso causal e a reversão figura-fundo

No caso dos papéis temáticos de AGENTE, TEMA, INSTRUMENTO, RESULTATIVO, Langacker propõe arquétipos conceptuais subsidiários, a saber, o modelo da bola de bilhar e o modelo de palco (LANGACKER, 1987, p.285). O modelo da bola de bilhar pressupõe uma interação energética em uma cadeia causal entre participantes de um evento cognitivo e socialmente válido, enquanto o modelo de palco indica que o evento é cena e haverá um conceptualizador imprimindo de fora o seu espectro subjetivo à armação cognitiva da cadeia causal em seu perfilamento.

As construções de genitivo subjetivo e objetivo em português: aspectos semântico-cognitivos



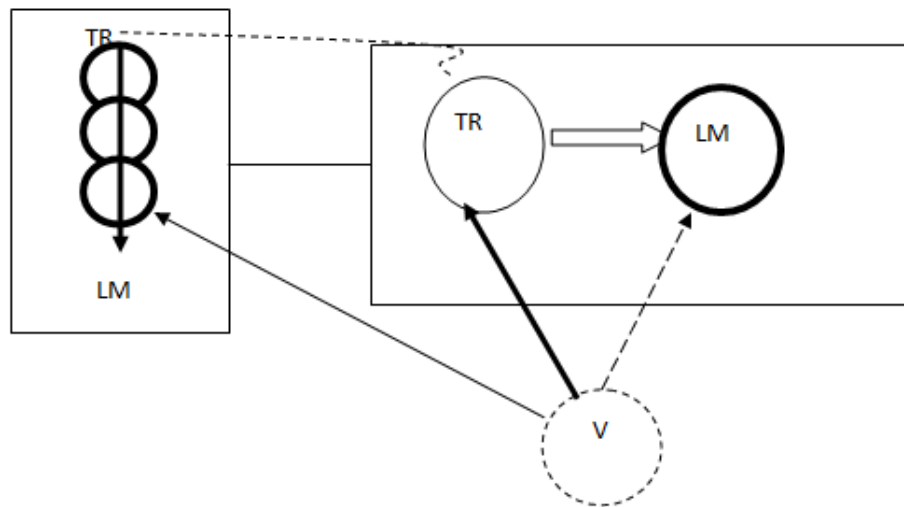
Argumentaremos que o modelo cognitivo da bola de bilhar e o modelo de palco possam compor o esquema cognitivo de formulações nominais [SN de SN].

4. AS CONSTRUÇÕES DE GENITIVO SUBJETIVO - OBJETIVO: ANÁLISE

Usaremos um escopo simples de análise a fim de argumentarmos que as construções de genitivo subjetivo e objetivo baseiam-se em esquemas cognitivos concebidos pelo falante como estruturas de conhecimento de um evento canônico; logo, a abordagem será qualitativa, a partir de dados extraídos em sua maior parte do banco de dados LINGUATECA e de textos jornalísticos e de revistas. O dado que segue é especialmente de um conto literário, sua amostra é relevante diante do tipo de ocorrência que se estabelece. Vejamos:

- (01) Depois vieram umas uvas leves e uns doces, que lá na minha terra levam o nome de "bem-casados". Mas nem mesmo este nome perigoso se associou à **lembrança de meu pai**, que o peru já convertera em dignidade, em coisa certa, em culto puro de contemplação. (O Peru de Natal - Mário de Andrade)

No exemplo acima há um nome deverbal e argumentos genitivos pós-nominais. Embora compartilhem de um padrão comum, há uma polissemia na construção, possibilitando assim duas interpretações a partir do verbo ergativo: 1- Meu pai lembrou ou a lembrança que meu pai teve e 2- Eu me lembrei ou a lembrança que eu tive. Em miúdos: o pai foi objeto da lembrança ou sujeito da lembrança? Tomaremos como interpretação a segunda opção:



No nexu causativo, a cena agentiva pode ser compreendida em termos psicológicos como que estabelecendo a afetação do objeto da lembrança pelo sujeito que concebe a lembrança - trata-se de um verbo cognitivo nominalizado. O significado esquemático exhibe multiprocessamento para a montagem simbólica, isto é, tanto o escaneamento resumitivo/sumário da cena verbal como a elaboração da cena agentiva e do nexu de causalidade em que o sujeito conceptualizador é a fonte de energia sobre o objeto da lembrança. Interessante notar a fusão de perspectiva do EGO com o a fonte de energia ou o elemento causador.

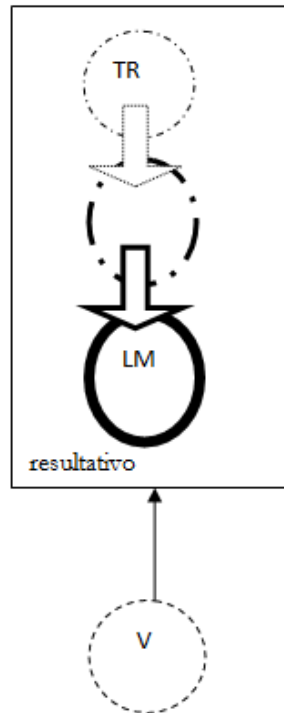
Iremos discutir, agora, pela cadeia agentiva, o uso ambíguo de deverbais que ora nomeiam a ação, ora codificam o resultado da ação. Esse é o caso do deverbal “plantação”, apontado por Rocha Lima (1996 *apud* SEDRIS, 2006). Vejamos os dados:

- (02) LINGUATECA - FSP940512-066: Uma ação pública contra queimadas de plantação de cana foi julgada improcedente em Ribeirão Preto pelo juiz substituto Jayter Cortez Filho.
- (03) LINGUATECA - FSP951103-020: O BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) também é alvo de usineiros, que quase sempre também possuem plantação de cana.
- (04) LINGUATECA- FSP950212-037: Ele quer projetos semelhantes para o norte fluminense, onde pretende fomentar a plantação de cana, assim como para o sul fluminense, mais industrializado.

Observe-se que se trata de SN+de+SN, no entanto, há diferença quanto à linearização do nome valencial e diferenças quanto às relações estabelecidas no nível suboracional, isto é, no interior dos sintagmas. A diferença sintática e semântica entre os usos (2), (3) e (4) sinaliza a perspectiva do ego sobre a cena da cadeia agentiva e, por sua vez, a compatibilidade com o esquema conceptual acionado pelo núcleo verbal (possuir, fomentar...).

Em (02) temos [[queimadas] [de plantação [de cana]] em que o deverbal “plantação” não indica “ação de plantar”; logo, não reenquadra a semântica da cena verbal no âmbito nominal. O que ocorre é que, nesse contexto tal SN indica um valor resultativo. Diferentemente, em (04) podemos interpretar de modo a resgatar o reenquadre verbal. A interpretação de (02) e (03) ausenta o reenquadre da cena verbal para focalizar apenas o estado resultativo. Na cadeia agentiva, o resultado (elemento afetado) é o elemento perfilado e a fonte de energia é desfocalizada. A repercussão desta construção do evento cognitivo torna o deverbal elemento que sofre subcategorização como argumento de “queimada”.

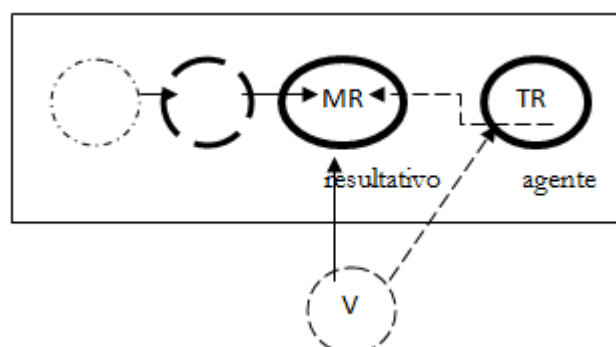
As construções de genitivo subjetivo e objetivo em português: aspectos semântico-cognitivos



Conceptualização semelhante pode ocorrer ao SNN (sintagma nominal nominalizado) “comemoração” nos seguintes contextos:

- (05) Contra cartões infantis, Palmeiras tem até multa a comemoração de gol (<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2015/08/07/contra-cartoes-infantis-palmeiras-tem-ate-multa-a-comemoracao-de-gol.htm>)
- (06) Em almoço só para os amigos, Paulo Câmara vai à comemoração de aniversário de Jarbas (<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/politica/pernambuco/noticia/2015/08/22/em-almoco-so-para-os-amigos-paulo-camara-vai-a-comemoracao-de-aniversario-de-jarbas-195592.php>)

Em (06), dada a recursividade de sintagmas preposicionados em DE encaixados, teríamos:



Jorge Luiz Ferreira Lisboa Júnior

Acima, novamente, a expressão linguística não instrui ao reenquadre da cena verbal. Entretanto, há o perfilamento do estado resultativo do evento verbal. O SP “de Jarbas” poderia ser interpretado como possessivo em “aniversário do Jarbas”; todavia, Jarbas não assume caráter de *controle* próprio ao agente possuidor, mas subjetivamente assume a posição de transferência energética, em que Jarbas participa - e cria - a cena da comemoração.

Outra questão sobre o uso das construções em foco é a possibilidade de a categoria lexical dos substantivos relacionais, concretos ou abstratos, poderem marcar o sujeito da ação/objeto da ação expressa em SN. Em uma perspectiva aristotélica clássica, nomes são elementos que estabelecem vínculo com entidades no mundo sem relação temporal, o que os difere dos verbos que se relacionam a processos/eventos temporalizados.

- (07) Polícia e milícias me ajudam, diz [chefe agente [de quadrilha]paciente] na Venezuela. <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/11/1703599-policia-e-milicias-me-ajudam-diz-chefe-de-quadrilha-na-venezuela.html>
- (08) FSP940130-018: A elite está com [medo [dos 30 %]causa] que o Lula tem nas pesquisas.
- (09) FSP940210-193: Pode ser um entardecer gelado nas cidades de montanha, uma tarde tórrida nos desertos de Zagora, uma manhã nos precipícios da estrada que liga Agdz a Marrakech ou nas cinzentas praias de Agadir: você vai se maravilhar com as cores, se irritar com o assédio, adorar a paisagem e sentir [medo [dos garotos]agente] todos os dias .

A possibilidade de os nomes relacionais codificarem causalidade similarmente ao modelo da bola de bilhar e sua proximidade semântica dos sintagmas nominais nominalizados quanto à inserção do sujeito/agente e sujeito/paciente de uma ação deve-se ao *construal*. De modo mais específico, deve-se ao modelo de processamento (concepção de eventos/cenas do mundo), uma vez que nomes sejam reificações de cenas sequenciais.

Finalmente, nos sobra a seguinte questão: Ora, se uma construção nominal como *O canto de Iara* herda o esquema cognitivo da construção sintática intransitiva como *Iara canta*, onde estaria a diferença? Por que o falante realiza a opção pela construção nominal?

A resposta pode ser relativamente simples. A diferença de uma estrutura como *A apresentação de Maria Bethania foi excelente* e *Maria Bethania cantou de forma excelente* pode evidenciar uma estrutura semântica baseada na reversão figura-fundo. De forma mais objetiva, temos a mesma cena sujeita às mesmas “condições de verdade” que, no entanto, é acessada de maneiras alternativas. No caso, o falante focaliza o processo e subfocaliza o agente/paciente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo dedicou-se a uma análise breve e de cunho cognitivo das construções de genitivo subjetivo e objetivo em Português, argumentando que sejam padrões gramaticais sob a fórmula superordenada [SN de SN] pareados a esquemas cognitivos (nexo causal, cena agentiva e escaneamento).

Tais construções envolvem multirepresentação, pois exigem um reenquadre da cena verbal por meio do escaneamento sumário e perfilamento da cena agentiva, segundo o modelo da bola de bilhar na Gramática Cognitiva (LANGACKER, 2008), vinculados à nominalização + argumentos (de+SN) subcategorizados por N (núcleo deverbal).

Em uma visão objetivista, o significado de uma palavra/ estrutura sintática é previsível tendo em vista conceitos fechados ou “caixas conceituais” como aqueles muito similares aos traços semânticos ou aos papéis temáticos adotados como “etiquetas” para o significado que é,

Cadernos do NEMP, n. 6, v. 1, 2015, p. 37-50.

As construções de genitivo subjetivo e objetivo em português: aspectos semântico-cognitivos

em suma, dinâmico. Nossa análise, que se estabelece na contramão do objetivismo semântico, se baseou nos processos conceptuais e estruturas de conhecimento que alicerçam o entendimento compartilhado e motivam a gramática.

Segundo o próprio Ilari (2015, p.10), em prefácio:

“Ora, olhar para a língua em perspectiva cognitiva tem conseqüências sobre o modo de representar o objeto de estudo: cada unidade linguística, cada classe ou construção gramatical traz então o desafio de identificar uma ou mais operações [cognitivas] que expliquem seu porquê e dêem conta de sua especificidade.”

As operações cognitivas observadas em nosso estudo tendem a estabelecer relevância à corporeidade da cognição refletida na linguagem. Argumentamos que a cadeia agentiva está embutida na estrutura argumental do verbo base e que tais expressões podem acionar multiprocessamento etc. Tais fatores exigem interação entre o aparato perceptual (que é, portanto, físico) e a gramática, de modo a acionar para uma construção gramatical um modelo cognitivo de uso que se oriente pela ressonância de elementos causais no mundo sociofísico, igualmente pelo modo como tais elementos se dispõem esquematicamente segundo o ponto de vista da cognição.

Lakoff (1987, p.292-293) afirma que “aspects of a particular situation are directly experienced of they play a causal role in the experience”; logo, é natural que a compreensão de uma expressão linguística particular também implique em associarmos a mesma expressão linguística a uma estrutura de conhecimento causal relevante para a experiência humana.

Percebe-se que, conforme a Linguística Cognitiva, expressões linguísticas não refletem objetivamente eventos e situações como “etiquetas”, mas simbolizam a elaboração cognitiva humana. Os símbolos linguísticos, dessa maneira, se fundamentam em *gestalts experienciais*, perspectivas, imaginação e *construals* (FAUCONNIER, 1997, 2002; TOMASELLO, 1999; LAKOFF, 1987; TALMY, 1988; LANGACKER, 2008), que colocam a semântica no cerne do funcionamento da gramática e em consonância com processos cognitivos gerais. Tão importante quanto é o protagonismo concedido ao sujeito-falante que gera/enuncia a gramática, tendo em vista que a Linguística Cognitiva seja um Modelo Baseado no Uso (LANGACKER, 1987).

E é bom que se diga, dado o próprio caráter do fazer científico, que as asserções analíticas e o *design* dos processos conceptuais aqui presentes ainda são de caráter preliminar, não possuindo, portanto, o intuito de esgotamento e de detalhamento que a questão necessita uma vez que haja uma maior variedade de construções nominais [SN de SN] a serem analisadas e outras especificidades a serem devidamente consideradas. No mais, pelo exíguo espaço, as questões pendentes ficarão *a posteriori*.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. *Gramática mínima para o domínio da língua padrão*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- ANDRADE, Mário de. “O Peru de Natal” In: *Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século*. Org. Italo Moriconi. Rio de Janeiro: São Paulo, 2001. p.125-30.
- BASÍLIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- ALMEIDA, M.L.L. et alii. *Linguística Cognitiva em foco: morfologia e semântica do português*. Rio de Janeiro: Publit, 2010.
- BENVENISTE, E. Por uma análise das funções casuais: o genitivo latino. In: *Problemas de Linguística I*. Editora Cultrix, 1965.

Jorge Luiz Ferreira Lisboa Júnior

- CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo, Editora Contexto, 2010.
- CHOMSKY, Noam. Remarks on nominalization. In: *Readings in English transformational grammar*. Waltham: Ginn & Co, 1970.
- CROFT, W.; CRUSE, A. D. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: University of Cambridge Press, 2004.
- CROFT, W. The Structure of Events and the Structure of Language. *The New Psychology of Language : Cognitive and Functional Approaches to Language Structure*. Edited by Michael Tomasello. Mahwah, N.J. Lawrence Erlbaum Associates, Inc., 1998. p. 67-92.
- DAMÁSIO Antônio R. *O erro de Descartes: emoção razão e o cérebro humano*. São Paulo. Companhia das Letras. 1996.
- FARIA, Ernesto. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.
- FAUCONNIER, G. 2003. "Cognitive Linguistics." In Lynn Nadel, editor-in-chief. *Encyclopedia of Cognitive Science*. London: Macmillan.
- FAUCONNIER, G. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press. 1997
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think; conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basis Books. 2002.
- FILLMORE, C. The case for case. In: BACH, E., HARMS, R. (Orgs.) *Universals in linguistic theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968.
- GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University Press, 1995.
- GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Cambridge: University Press, 2006.
- ILARI, Rodolfo; CASTILHO, Ataliba & ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de. A preposição. In ILARI, Rodolfo & NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil. Palavras de Classe Fechada*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015, v. 3, p. 163-310.
- ILARI, R.(Org.) Prefácio. *Gramática do português culto falado no Brasil: Palavras de Classe Aberta*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015. Volume III.
- LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar*. Vol. 1: Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press. 1987.
- LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar: descriptive application*. Vol. II. Stanford: Stanford University Press. 1991.
- LANGACKER, R. W. *Concept, Image, and Symbol: The Cognitive Basis of Grammar*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 1991.
- LANGACKER, R. W. *Cognitive Grammar: A Basic Introduction*. New York: Oxford University Press, 2009.
- LANGACKER, R. W. *Constructions and constructional meaning*. New Directions of Cognitive Linguistics. 2009.
- LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

As construções de genitivo subjetivo e objetivo em português: aspectos semântico-cognitivos

- LEMOS DE SOUZA, J. *A distribuição semântica dos substantivos deverbais em -ção e -mento no português do Brasil: uma abordagem cognitiva*. Tese (Doutorado em Letras/ Letras Vernáculas) - Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.
- LISBOA JUNIOR, J. L. F. *O Caso Genitivo em Português: Gramaticalização, Semântica e Cognição*. Trabalho apresentado na mesa “Fronteiras semântica-sintaxe”. *IV Seminário do NEMP*. 2014.
- LISBOA JUNIOR, J. L. F. *As construções de Genitivo em Português: proposta de análise semântico-cognitiva e construcional*. Monografia de conclusão do curso de Letras (Português-Espanhol), Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.
- MOURA NEVES, M. H. de. *Gramática de usos do Português*. São Paulo: UNESP, 2000.
- MULLER, Ana. A estrutura do sintagma nominal com argumentos genitivos. *Cadernos de estudos linguísticos*, v. 31, p. 71-89, 1997.
- SEDRIUS, A.P. As propriedades do sintagma nominal e as propriedades sintáticas de distinção das funções adjunto e complemento de nome, In: Clemilton Lopes Pinheiro (Org.) *Ensaio sobre Língua e Literatura*, EDUFAL. 2006
- SOARES DA SILVA, A. *A Linguística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística*. *Revista Portuguesa de Humanidades* 1, 59-101. 1997.
- SOARES DA SILVA, A. Da semântica da construção à semântica do verbo e vice-versa. In: Ivo Castro & Inês Duarte (orgs.), *Razões e Emoção*. Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus. Vol. II. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 383-401, 2003.
- TALMY, L. *Force dynamics in language and cognition*. *Cognitive Science* 12: 49-100, 1988.
- TALMY, L. Figure and Ground in complex sentences. *Proceedings of the First Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society* (1975), pp. 419-430
- TAYLOR, J.R. *Possessives in English: An Exploration in Cognitive Grammar*. Oxford University Press. 1996.

CONSTRUCTIONS OF SUBJECTIVE AND OBJECTIVE GENITIVE IN PORTUGUESE: semantics and cognitives aspects

Abstract: *This paper aims to analyze subjective and objective genitive constructions in Portuguese according to Cognitive Grammar, by evidencing the cognitive scheme of causality (LANGACKER, 2008; TALMY, 1988). It also aims to propose a semantic analysis based on use, privileging conceptual processes and knowledge structures.*

Key-words: *Genitive; Semantics; Cognitive Grammar; Construal.*